

# Aquisição de ordem de palavras e de flexão verbal no Português Europeu: produção vs. compreensão

João Loureiro

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

## 1. Introdução

No quadro de investigação que derivou de Pollock 1989, a relação entre as componentes sintáctica e morfológica da gramática tem sido alvo de um longo debate, debate que se afigura particularmente relevante se se considerar a relação entre o movimento V-para-I e o factor de riqueza morfológica de uma língua. Na medida em que se considera existir uma correlação entre o movimento sintáctico V-para-I e um tipo específico de morfologia flexional, a questão que então se coloca é a de saber se o movimento V-para-I é despoletado pela presença de morfologia flexional rica, tal como é assumido por Vikner 1997, Rohrbacher 1999, ou se constitui o factor que determina uma especificação morfológica em particular, tal como é assumido em Halle & Marantz 1993, Bobaljik 2000.

Este debate assume particular relevância para o estudo do processo de aquisição da linguagem na medida em que é legítimo supor que um *trigger* na derivação esteja, de algum modo, relacionado com um *trigger* para fixação de um parâmetro. Neste caso em particular, se se determinar que o movimento V-para-I constitui a condição necessária para a existência da chamada “morfologia rica”, então, torna-se legítimo supor que o movimento V-para-I corresponde ao *trigger* relevante para a aquisição de morfologia. Pelo contrário, se se determinar que uma especificação morfológica em particular despoleta V-para-I, então torna-se legítimo considerar que a morfologia constitui o *trigger* relevante para fixar correctamente o valor deste parâmetro. Em ambos os casos, o papel reservado ao estudo do processo de aquisição da linguagem é tido como fundamental, uma vez que apenas em função do processo de aquisição é possível avaliar qual das componentes em questão, sintáctica ou morfológica, assume preponderância no desenvolvimento linguístico de um indivíduo.

O objectivo desta apresentação é, precisamente, o de discutir o desempenho das crianças no âmbito da sensibilidade a contrastes morfológicos e a contrastes de ordem de palavras relacionados com o movimento do verbo. Pretende-se, deste modo, responder às seguintes questões:

- a) A sensibilidade a contrastes de ordem de palavras relacionados com o movimento do verbo precede, coincide ou sucede a sensibilidade a contrastes morfológicos?

- b) Os testes de sensibilidade permitem-nos tirar algum tipo de conclusões acerca dos *triggers* para a fixação de parâmetros?
- c) Os resultados obtidos permitem-nos tirar algum tipo de conclusões acerca da própria arquitectura da gramática?

Esta apresentação encontra-se organizada do seguinte modo:

Na secção 2, apresento resultados de investigação prévia relativamente ao facto de os dados da aquisição poderem desempenhar um papel na questão de saber se o movimento V-para-I é causa ou consequência da chamada “morfologia rica”, e que mostram que dados relativos à produção parecem indicar que a morfologia não pode constituir um *trigger* apropriado para a fixação de V-para-I.

Na secção 3, pretendo demonstrar que, se é, de facto, a ordem de palavras que determina o movimento V-para-I, a informação disponível para a aquisição do Português Europeu é complexa e/ou limitada.

Na secção 4, apresento uma experiência que testa a sensibilidade das crianças a contrastes morfológicos e a contrastes sintácticos relacionados com movimento do verbo.

Na secção 5 discuto os resultados desta experiência.

Na secção 6, apresento algumas conclusões finais.

## **2. A aquisição de linguagem enquanto evidência contra as hipóteses de concórdância rica**

A presença de ordens indicando a existência de movimento V-para-I ao nível das produções iniciais das crianças tem sido um facto comumente observado no que respeita ao domínio das línguas românicas (Guasti, 1993/1994 para o Italiano; Pierce 1992 para o Francês).

Numa revisão da literatura relacionada com a aquisição do movimento do verbo, Lardiere 2000 conclui que os dados relativos à aquisição de L1 sugerem as crianças sabem desde muito cedo se a língua que estão a aprender apresenta ou não movimento do verbo, muito antes de adquirirem o conjunto de distinções morfológicas propostas tanto nas análises de Rohrbacher como de Vikner.

Já Bobaljik 2000/2002 sugere que o facto de a morfologia poder não constituir um *trigger* apropriado para a fixação do valor do parâmetro do movimento do verbo por si só não implica necessariamente que a morfologia visível não possa funcionar como evidência para a fixação de um parâmetro sintáctico, e nomeadamente do parâmetro sintáctico em questão. De qualquer das maneiras, e baseado nos dados de Meisel 1994 relativos à ocorrência tardia de distinções morfológicas na aquisição do Francês e do Alemão, Bobaljik assume que a aquisição da morfologia não deve funcionar como condição necessária para a fixação de V-para-I.

Relativamente ao Português Europeu, a hipótese de a riqueza morfológica poder constituir a experiência despoletadora do movimento do verbo foi explorada por Gonçalves 2001a e 2001b, que analisa a produção espontânea de uma criança de dois

anos concluindo que, apesar de as várias combinações estarem ordenadas como na gramática final, a produtividade morfológica é ainda substancialmente reduzida:

(1) Dados relativos a uma criança (idade 2:00; MLU-w: 1.966):

3ª pessoa do singular:	44/77 (61,9%)
1ª pessoa do singular:	10/77 (14,1%)
Formas não-finitas:	7/71 (9,8%)
Formas imperativas:	10/71 (14,1%)

Com base nos dados em questão, a autora conclui que, relativamente ao Português Europeu, é possível identificar um período em que existe evidência para movimento do verbo num momento anterior ao da aquisição dos respectivos paradigmas flexionais, pelo que a morfologia não pode constituir o único *input* para a determinação de padrões sintácticos como os que resultam do movimento do verbo. Particularmente, a autora sugere que a experiência despoletadora para a fixação de V-para-I deve ser de natureza sintáctica.

### 3. Ordem de palavras enquanto *trigger* para a fixação de V-para-I

Se, tal como sugerido em Gonçalves 2001a e 2001b, a ordem de palavras constitui o *trigger* relevante para a fixação de V-para-I, o primeiro passo a tomar é determinar que tipo de configurações sintácticas podem ser tidas como relacionadas com movimento do verbo.

Desde Emonds 1978 e Pollock 1989, tanto a ordem do verbo relativamente a um advérbio, como a negação, como os quantificadores flutuantes são tidos como diagnósticos do movimento do verbo para o domínio flexional. Em particular, se o verbo preceder qualquer um destes elementos, isso constitui evidência para a existência de movimento do verbo.

Paralelamente, é importante notar que Bobaljik 2000/2002 mostra que línguas em que o IP se encontra cindido em T e Agr têm, necessariamente, movimento do verbo. Nesse sentido, outro tipo de configurações sintácticas que evidenciam a existência de dois núcleos funcionais independentes podem ser tidas como critérios para determinar a ocorrência de V-para-I, e, conseqüentemente, como parte da experiência despoletadora na aquisição. Para Bobaljik 2000 e 2002, os dois tipos relevantes de configurações sintácticas são as construções transitivas expletivas e construções que evidenciam a existência de duas posições para o sujeito entre CP e VP.

Relativamente às construções transitivas expletivas, o Português Europeu não dispõe deste tipo de construções. Estas não podem, como tal, fazer parte da experiência despoletadora para a fixação do parâmetro V-para-I. Em última instância, a ausência deste tipo de construções pode constituir evidência para postular, incorrectamente, a inexistência de movimento V-para-I.

Relativamente ao restante tipo de construções (construções que evidenciem a presença de duas posições para o sujeito), Costa 2003 mostra que a construção que atesta a existência de duas posições entre CP e VP é bastante complexa e, presumivelmente, rara no *input*, já que envolve questões com I-para-C, raras na língua falada, e uma subclasse específica de advérbios, marcando a periferia esquerda de TP:

(2)

- a) [<sub>AgRP</sub> O Pedro [<sub>TP</sub> sempre/já [<sub>TP</sub> t<sub>sujeito</sub> tinha lido o livro.
- b) \* [<sub>AgRP</sub> [<sub>TP</sub> sempre/já [<sub>TP</sub> o Pedro tinha lido o livro.
- c) [<sub>CP</sub> O que [<sub>C'</sub> tinha [<sub>AgRP</sub> o Pedro [<sub>TP</sub> sempre/já [<sub>TP</sub> t<sub>sujeito</sub> t<sub>v</sub> lido...?
- d) [<sub>CP</sub> O que [<sub>C'</sub> tinha [<sub>AgRP</sub> [<sub>TP</sub> sempre/já [<sub>TP</sub> o Pedro t<sub>v</sub> lido...?

Por estas razões, a construção em questão não pode fazer parte da experiência despoletadora para a fixação do parâmetro V-para-I.

Relativamente à negação, esta também não pode constituir um critério válido para diagnosticar a existência de movimento V-para-I: tal como é argumentado em Matos 1998, a negação é clítica e gerada na categoria que hospeda o verbo. De particular importância é o facto de, em casos de I-para-C, o verbo claramente se mover, sendo a negação, ainda assim, pré-verbal:

(3)

- a) “O que não tinhas tu feito?”

Relativamente aos advérbios e quantificadores flutuantes, se esta constitui a experiência despoletadora relevante, é necessário salientar que ela não é, à partida, muito clara, já que, para uma série de advérbios, bem como para os quantificadores flutuantes, as duas ordens são possíveis o que, em Costa 1996 e Costa e Galves 2002, é analisado como o reflexo do movimento curto do verbo:

(4) Quantificadores flutuantes:

- a) “Os meninos todos leram o livro.”<sub>QF + V</sub>
- b) “Os meninos leram todos o livro.”<sub>V + QF</sub>

(5) Advérbios:

- a) “O Pedro frequentemente beija a Maria.”<sub>Adv + V</sub>
- b) “O Pedro beija frequentemente a Maria.”<sub>V + Adv.</sub>

É possível demonstrar que o movimento do verbo não é opcional em Português já que, para uma determinada subclasse de advérbios, apenas a posição pós-verbal é

possível. Isto é válido tanto para advérbios quantificacionais como para advérbios homófonos com adjetivos:

(6) Subclasse relevante:

- a) “O João fala muito de sintaxe.”
- b) \*“(O João muito fala de sintaxe.”
- c) “A moto passou rápido pela minha rua.”
- d) \*“(A moto rápido passou pela minha rua.”

Podemos concluir da discussão da presente secção que a informação sintáctica<sup>1</sup> relevante que pode funcionar como *trigger* para a fixação do parâmetro do movimento do verbo não é mais simples do que o domínio de um paradigma morfológico completo. Nesse sentido, torna-se legítimo perguntar a que é que as crianças são, efectivamente, sensíveis: se à informação morfológica relevante, se à informação relativa à ordem de palavras.

#### 4. Teste de sensibilidade a contrastes morfológicos e a contrastes de ordem de palavras

Nesta secção, descrevo uma experiência levada a cabo no âmbito de Costa e Loureiro (2004) para testar a sensibilidade das crianças a contrastes morfológicos e a contrastes relativos à ordem de palavras relevante. Era objectivo desta experiência verificar se os resultados referentes à produção, presentes em Gonçalves 2001a e 2001b (um bom desempenho ao nível da ordem de palavras mas um mau desempenho ao nível da produtividade morfológica) poderiam encontrar um paralelo nos dados relativos à sensibilidade. Afiguravam-se três resultados distintos:

- a) as crianças poderiam ser sensíveis a contrastes relativos a ordem de palavras e não a contrastes morfológicos, o que se manifestaria simétrico com os resultados relativos à produção;
- b) as crianças poderiam ser sensíveis a contrastes morfológicos e não a contrastes relativos a ordem de palavras, o que se manifestaria assimétrico e, à partida, incompatível com os resultados relativos à produção;
- c) as crianças poderiam ser igualmente sensíveis (ou insensíveis) a contrastes relativos a ordem de palavras e a contrastes morfológicos, o que significaria que nenhuma conclusão poderia ser tirada acerca da correlação entre a aquisição de ordem de palavras e a aquisição de flexão verbal.

<sup>1</sup> Entenda-se informação relativa a ordem de palavras. É de salientar, todavia que, tal como sugerido por Ana Lúcia Santos, construções como as de eclipse de VP poderão igualmente desempenhar um papel relevante nesse sentido.

Relativamente à metodologia, foi proposta uma tarefa de avaliação de gramaticalidade a uma amostra de 12 crianças com idades compreendidas entre os 3;01 e os 4;00 anos (média de 3;05). A tarefa foi delineada do seguinte modo: às crianças, era apresentado um fantoche vindo de outro país que estava a tentar aprender Português. O seu papel era o de dizer se o fantoche estava ou não a falar bem e, se quisessem, corrigi-lo. As condições testadas foram:

- a) Condição 1: Sensibilidade a ordem de palavras, através frases agramaticais contendo ordens Adv-V (3 itens de teste);

Ex: “A minha mãe rápido fez o jantar.”

- b) Condição 2: Sensibilidade a finitude, através de frases agramaticais contendo infinitivos de raiz (3 itens de teste);

Ex: “Eu cantar muito bem.”

- c) Condição 3: Sensibilidade a morfologia de pessoa, através de frases agramaticais em que o sujeito e o verbo não concordam em pessoa;

Ex: “Eu moras na Quinta do Anjo.”

- d) Condição 4: Sensibilidade a morfologia de número, através de frases agramaticais em que o sujeito e o verbo não concordam em número;

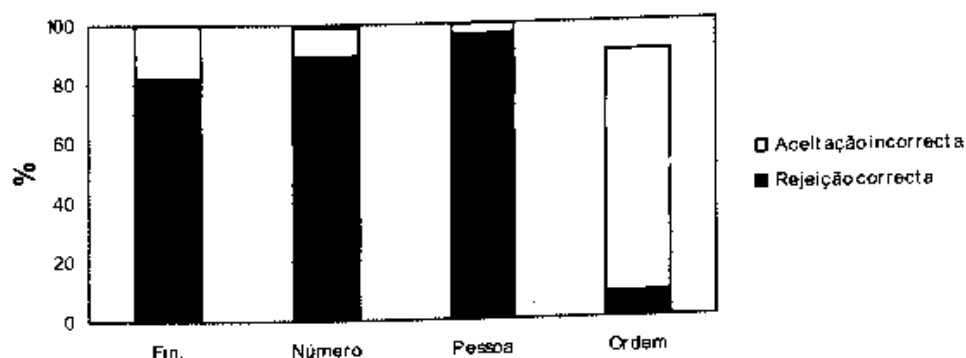
Ex: “A minha mãe cozinham muito bem.”

A escolha dos advérbios para a condição 1 teve em conta a conclusão de que apenas alguns advérbios são agramaticais na ordem Adv+V, tal como foi discutido na secção anterior.

O material testado consistiu, no total, em 27 frases: 3 por condição, 6 fillers agramaticais e 9 fillers gramaticais.

Os resultados obtidos estão apresentados da seguinte maneira: nos casos em que as crianças corrigiam o fantoche, considerando a frase agramatical, este comportamento foi assinalado como uma “rejeição correcta”; nos casos em que as crianças aceitavam frases agramaticais, isso era assinalado como uma “aceitação incorrecta”.

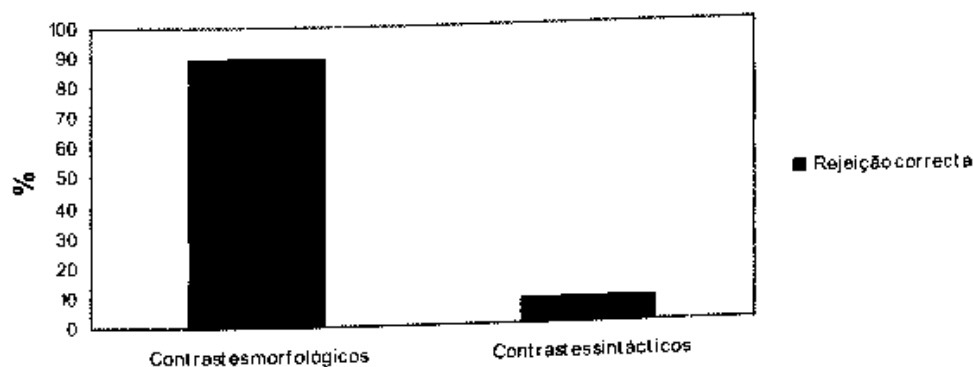
(7)



Tal como se encontra explícito em (7), as crianças aceitam incorrectamente ordens Adv+V agramaticais, mas têm um bom desempenho no que respeita a rejeitar frases agramaticais contendo contrastes morfológicos.

Este contraste torna-se ainda mais evidente quando todas as condições morfológicas se encontram amalgamadas:

(8)



Os resultados em questão permitem-nos concluir o seguinte:

- a) as crianças demonstram baixos índices de sensibilidade a contrastes de ordem de palavras envolvendo ordens Adv+V.
- b) as crianças demonstram altos índices de sensibilidade a contrastes morfológicos relativos a flexão verbal para todas as condições testadas: finitude, número e pessoa;

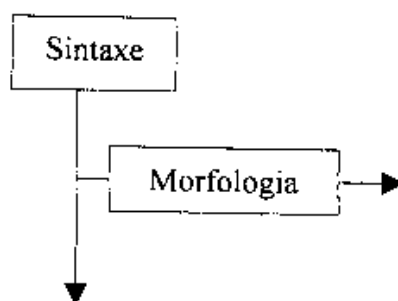
## 5. Análise dos resultados

Uma primeira conclusão a tirar desta experiência é que não se pode afirmar que a ordem de palavras constitua a experiência despoletadora relevante para a fixação do parâmetro V-para-I, na medida em que as crianças, numa idade em que se verifica a aquisição de V-para-I, não são sensíveis ao único tipo de configurações sintácticas que pode constituir evidência para a ligação correcta deste parâmetro no Português Europeu.

Pelo contrário, e dado o seu bom desempenho relativamente às condições morfológicas, é legítimo supor que a morfologia constitua o *trigger* relevante para a ligação deste parâmetro.

No que respeita à questão da assimetria entre os resultados relativos à produção presentes em Bobaljik 2002 e Gonçalves 2001a e 2001b, e os resultados relativos à sensibilidade aqui apresentados, esta discrepância só é problemática se se considerar que as relações de causa-efeito ao nível da gramática sincrónica são as mesmas do que ao nível da aquisição. Por outras palavras, o facto de um determinado tipo de dados despoletar a fixação de um dado parâmetro não significa, necessariamente, que a mesma relação de causa-efeito esteja presente na derivação de uma determinada representação. No caso específico da relação entre V-para-I e a flexão, a assimetria de resultados pode ser explicada se se assumir, seguindo Halle & Marantz 1993 e Bobaljik 1995, 2000, 2002, que a morfologia sucede à sintaxe na derivação de uma representação, embora o *trigger* para a fixação de um determinado parâmetro possa ser de natureza morfológica:

(9)



De acordo com este modelo, a sintaxe alimenta a componente morfológica. A Morfologia lê o *output* da sintaxe e faz sentido que o domínio de V-para-I preceda a produção de paradigmas completos, na medida em que um bom desempenho ao nível da produtividade morfológica implica o conhecimento do *output* da sintaxe, e a aquisição das regras internas à componente morfológica. Mas, em última instância, nada, neste modelo, nos é dito acerca da natureza dos *triggers* relevantes durante o período de aquisição.

Os resultados obtidos permitem legitimar a hipótese de que o *trigger* relevante para a fixação de V-para-I seja de natureza morfológica. Nesse sentido, a criança é exposta às distinções relevantes no paradigma morfológico e fixa correctamente o valor do parâmetro. Esta sensibilidade precoce reflecte-se no bom desempenho ao nível da percepção de contrastes morfológicos. Isto fará com que a criança mova o verbo na



sintaxe o que, por sua vez, se reflecte no bom desempenho ao nível da produção de V-para-I. O *output* da componente sintáctica é interpretado pela componente morfológica, mas o domínio completo das formas morfológicas ao nível da produção ainda se encontra dependente da aquisição de outros aspectos morfofonológicos, o que se reflecte na produção mais tardia de algumas flexões verbais.

## 6. Conclusões

Em suma:

- a) a aquisição de ordem de palavras e de flexão verbal implica a análise de ambos os dados relativos à produção e à compreensão;
- b) o bom desempenho das crianças no que respeita à compreensão de contrastes morfológicos revela uma sensibilidade precoce à morfologia;
- c) a assimetria nos resultados obtidos permite estabelecer uma diferença crucial entre *triggers* derivacionais e *triggers* para a fixação de parâmetros.

Relativamente a trabalho futuro, pretende-se testar as diferentes combinações obtidas a partir dos valores de pessoa e número de pronomes desempenhando a função de sujeito, e dos valores de tempo, pessoa e número de formas de verbos regulares e irregulares. Isso será feito utilizando animações interactivas de modo a permitir medir tempos de resposta e diferentes graus de sensibilidade aos contrastes de gramaticalidade testados.

## Referências

- Belletti, A. (1990). *Generalized Verb Movement*. Turin: Rosenberg and Telier
- Bobaljik, J. D. (1995). *Morphosyntax*. Doctoral Dissertation, MIT
- Bobaljik, J. D. (2001). 'The implications of rich agreement: why morphology does not drive syntax', Paper presented at GLOW 24, Universidade Minho, Braga, Portugal (April 9th, 2001).
- Bobaljik, J. D. (2002) "Realizing German Inflection: why morphology does not drive syntax." To appear in *Journal of Comparative Germanic Linguistics*
- Costa, J. (1996). Adverb Positioning and V-movement in English: some more evidence. *Studia Linguistica* 50:1, 22-34
- Costa, J. (2003). Null vs overt Spec,TP in European Portuguese. In J. Quer et al. (eds) *Romance Languages and Linguistic Theory 2001*, Amsterdam: Johns Benjamins, 31-47
- Costa, J. (2004). *Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter
- Costa, J. e C. Galves (2002) "External subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis". In C. Beyssade et al. *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*, Amsterdam: Johns Benjamins, 109-125

- Costa, J e J. Loureiro (2004). "Morphology vs. Word Order in the Acquisition of V-to-I". To appear in *Catalan Journal of Linguistics*.
- Emonds, J. (1978). 'The Verbal Complex V'-V in French', *Linguistic Inquiry* 9, pp. 151-175.
- Gonçalves, F. (2002). "Comparing acquisition processes in Brazilian and European Portuguese – Additional evidence for morphology after syntax." In J. Costa and M. J. Freitas (eds.) *Proceedings of the GALA 2001 Conference on Language Acquisition*, Lisbon: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 312-319
- Guasti, M. T. (2002). *Language Acquisition. The growth of grammar*. MIT Press, Cambridge
- Halle, M. and A. Marantz (1993). "Distributed Morphology and the pieces of inflection", in K. Hale & J. Keyser (eds.), *The view from Building 20: Essays in Linguistics in honour of Sylvain Bromberger*. MIT Press, Cambridge, Mass, pp. 111-176.
- Koenenman, O. (2000). *The flexible nature of verb movement*, Ph.D. Dissertation, University of, Utrecht.
- Lardiere, D. (2000). 'Mapping features to forms in second language acquisition', in J. Archibald (ed.). *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*, Blackwell, Oxford, pp. 102-129.
- Loureiro, J. (in preparation) MA dissertation, Universidade Nova de Lisboa
- Matos, G. (1998). "Negação frásica e concordância negativa em português europeu". in *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Aveiro, pp. 197-218
- Meisel, J. (1993). 'Getting FAT: Finiteness, Agreement and Tense in early grammars', in Jürgen M. Meisel (ed.). *Bilingual First Language Acquisition*. John Benjamins, Amsterdam, pp. 89-129.
- Pollock, Jean-Yves (1989). Verb Movement, Universal Grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20:365-424
- Rohrbacher, B. (1999). *Morphology-Driven Syntax: A theory of V to I raising and pro-drop*. John Benjamins, Amsterdam.
- Vikner, S. (1997). 'V-to-I movement and inflection for person in all tenses', in L. Haegeman (ed.). *The New Comparative Syntax*. Longman, London, pp. 189-213.